

O DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA NARRATIVA NA APRENDIZAGEM HISTÓRICA: UMA HIPÓTESE ONTOGENÉTICA RELATIVA À CONSCIÊNCIA MORAL*

JÖRN RÜSEN

A aprendizagem histórica pode se explicar como um processo de mudança estrutural na consciência histórica. A aprendizagem histórica implica mais que um simples adquirir de conhecimento do passado e da expansão do mesmo. Visto como um processo pelo qual as competências são adquiridas progressivamente, emerge como um processo de mudança de formas estruturais pelas quais tratamos e utilizamos a experiência e conhecimento da realidade passada, passando de formas tradicionais de pensamento aos modos genéticos.

1 UMA NARRAÇÃO EM QUATRO VERSÕES

O antigo Castelo de Col se encontra nas terras altas da Escócia. É a antiga residência dos chefes do clã Maclean e está ainda em posse de um membro da família, que vive no castelo. Em cima da muralha existe uma pedra gravada com a seguinte inscrição: "Se algum homem do clã Maclonish aparecer perante este castelo, mesmo que venha à meia-noite, com a cabeça de um homem em sua mão, encontrará aqui segurança e proteção contra tudo".

* RÜSEN, Jorn. El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico. Una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral. **Revista Propuesta Educativa**, Buenos Aires, Año 4, n.7, p.27-36. oct. 1992. Tradução para o espanhol de Silvia Finocchio.. Tradução para o português por Ana Claudia Urban e Flávia Vanessa Starcke. Revisão da tradução: Maria Auxiliadora Schmidt.

O texto é de um antigo tratado celebrado em Highlands em uma ocasião memorável. Em um passado distante, um dos antepassados Maclean obteve do rei da Escócia uma concessão de terras que pertenciam a outro clã mas que as perdeu por haver ofendido ao rei. Maclean, acompanhado por sua esposa, avançou com uma força armada de homem para tomar posse de suas novas terras. No confronto e batalha com o outro clã, Maclean foi derrotado e perdeu sua vida, no entanto sua esposa, grávida, caiu nas mãos dos vencedores. O chefe do clã vitorioso transferiu para a família Maclonish a guarda da grávida, Lady Maclean, com uma condição específica: se a criança nascida fosse um varão, deveria morrer imediatamente, se fosse uma menina, lhe seria permitido viver. A esposa Maclonish, que também estava grávida, deu a luz a uma menina quase ao mesmo tempo em que Lady Maclean deu a luz a um menino. Elas então trocaram as crianças.

O jovem Maclean, havendo sobrevivido a esta armadilha da sentença de morte que sobre ele pesava antes de nascer, recuperou com o tempo seu patrimônio original. Em agradecimento ao clã Maclonish determinou então seu castelo como um lugar de refúgio para qualquer membro daquela família que se encontrasse em perigo.

Esta narração de encontra no livro *Journeu to the Western Islands of Scotland*, de Samuel Jonson, publicado pela primeira vez em 1775.¹ Minha intenção, com o presente trabalho, é utilizar esta história para demonstrar a natureza da competência narrativa e suas diversas formas, e a importância da competência para a consciência moral. Para aproximarmos de uma maneira mais concreta, permita-se imaginar esta narração dentro de uma situação real onde se desafiam os valores morais, e onde seu uso e legitimação requerem argumentos embasados historicamente. Imagine que você é um membro do clã Maclean e vive atualmente no castelo de um ancestral. Uma noite escura, um membro do clã Maclonish – permita-nos chamá-lo de Ian – bate a sua porta pedindo ajuda. Conta que a polícia o está seguindo em razão de um crime de cuja autoria o acusam. Como raciocinaria você? O ajudaria a esconder-se da polícia ou decidiria por alguma outra ação?

¹ Samuel Johnson, a. *Journey to the Western Islands of Scotland* (New Haven and London, 1971), 133 ff. Trata-se de uma versão simplificada do conto.

Imagine que logo seja necessário explicar a um amigo o que está acontecendo; e este amigo, que você encontra por acaso, não conhece a narração do clã. Não importa que atitude tome a respeito de Ian Maclonish, você será obrigado a contar-lhe o relato dos bebês trocados, para fazer-se convincente (e assim interpretada) a situação em que você se encontra e a decisão que deve tomar.

Sua narração da lenda do clã provavelmente será diferente dependendo da natureza de sua decisão. Além do mais, sua decisão original depende de sua própria interpretação da antiga lenda do clã em relação às crianças trocadas.

Assinalo, portanto, a existência de quatro possibilidades para tal interpretação.

1. Pode esconder Ian Maclonish porque sente que é obrigação de sua parte honrar o antigo acordo de Highlands. Neste caso, dirá a seu amigo que você – como um Maclean – se sente obrigado a ajudar a Ian porque considera vigente a antiga narração e então existem ainda laços entre os clãs. Você passa a relatar a lenda dos bebês trocados com a intenção de esconder da polícia Ian Maclonish, para manter o antigo tratado do clã, renovando e continuando, dessa forma, a importância da relação entre os grupos.
2. Pode esconder Ian Maclonish, motivado por múltiplas razões. Assim, pode dizer que ajudou a Ian porque no passado um Maclonish uma vez ajudou a um membro do clã Maclean, e agora você se sente obrigado a retribuir, com base no princípio da reciprocidade de favores. Ou pode dizer que o ajuda para cumprir a obrigação de um tratado entre os clãs: porque os acordos devem ser mantidos como tais, ou seja, estão unidos pelo tratado. Logo conta a lenda concluindo com a observação de que a ajuda mútua ou a manutenção de um tratado entre os clãs é, para você, um guia e um princípio moral, como já foi provado quando o bebê foi salvo.
3. Pode negar-se a esconder Ian Maclonish. Então, primeiramente tem que explicar o pedido de auxílio para aquele, narrando o conto dos bebês e a pedra com a inscrição. Mas comenta a história afirmando que não acredita, que é meramente um "mito" ou uma

"lenda" desprovida de qualquer evidência e validade comprometedora, o que não o obriga moralmente de nenhuma maneira. Também pode argumentar que desde a introdução do direito inglês moderno, aqueles antigos tratados teriam perdido a validade que uma vez tiveram e agora são letra morta. Neste caso, você apresenta uma série de argumentos histórico-críticos para se desculpar da obrigação de manter o antigo pacto. Portanto, argumenta historicamente para romper qualquer laço de união entre você e o clã Maclonish, o qual pode ter sido válido e obrigatório no passado.

4. Pode se decidir a convencer Ian Maclonish de que é inútil se esconder da polícia e que seria melhor se entregar às autoridades. Você, por sua vez, se compromete a fazer de tudo para ajudá-lo, por exemplo, contratando o melhor advogado disponível. Neste caso, você narra o conto às crianças, mas o circunscreve agregando o seguinte argumento: o sistema legal se transformou muito desde o direito do clã da era pré-moderna até a época moderna. Você ainda se sente obrigado a ajudar alguém do clã Maclonish, mas deseja fazê-lo baseado em considerações modernas e não como prescrevia o antigo pacto.

Essa antiga narração que nos fala, em quatro versões, dos Maclean, dos Maclonish e da troca dos bebês, nos proporciona o ponto de partida para mais argumentos. O conto indica a necessidade da consciência histórica para tratar os valores morais e o raciocínio moral. Espero demonstrar que as quatro variantes representam quatro versões essenciais da consciência histórica, mostrando quatro etapas de desenvolvimento por meio da aprendizagem.

2 A RELAÇÃO ENTRE A CONSCIÊNCIA HISTÓRICA, OS VALORES MORAIS E O RACIOCÍNIO

Na situação representada em nossa narração, devíamos decidir por um curso de ação. Tal decisão dependia de valores. Esses valores são geralmente

princípios, guias de comportamento, ideias ou perspectivas chaves que sugerem o que deveria ser feito em uma situação determinada, em que existem várias opções. Tais valores funcionam como fonte de arbitragem nos conflitos e como objetivos que nos guiam ao atuar.

Que significado tem assinalar tais valores como "morais"? Nossas perspectivas se enquadram nesta ação sistematicamente, reconhecem a relação social dentro da qual vivemos e devem decidir um curso de ação a tomar. Elas expressam esta relação social como uma obrigação para nós, dirigindo-nos, assim, até a essência de nossa subjetividade, recorrendo a nosso sentido de responsabilidade e nossa consciência.

Como entra a história nesta relação moral entre nossa ação, nossa personalidade e nossas orientações valorativas? A narração esquematizada no princípio deste ensaio pode nos servir para proporcionar uma resposta: quando se supõe que os valores morais guiam as ações que tomamos em uma dada situação, devemos relacionar os valores a essa situação, interpretar os mesmos e seu conteúdo moral com referência à realidade em que os aplicamos, e avaliar a situação nos termos de nosso código de valores morais aplicáveis. Para essa mediação entre valores e realidade orientada pela ação, a consciência histórica é um pré-requisito necessário. Sem tal consciência, não seríamos capazes de entender por que Ian Malconish nos pediu para o escondermos da polícia. Sem tal consciência como pré-requisito para a ação, seríamos incapazes de analisar a situação e chegar a uma decisão plausível para todas as partes envolvidas – Ian, meu amigo que me visita, e eu como um Maclean.

Mas, por que tem que ser a consciência histórica um pré-requisito necessário para a orientação em uma situação presente que demanda uma ação? Depois de tudo, tal consciência por definição aponta para fatos do passado. A resposta simples é que a consciência histórica funciona como um modo específico de orientação em situações reais da vida presente: tem como função ajudar-nos a compreender a realidade passada para compreender a realidade presente. Sem haver narrado previamente a antiga história dos bebês trocados, seria impossível explicar a meu amigo visitante a "situação atual" e justificar-lhe, que quer dizer legitimar, minha decisão. Além disso, o poder explicativo da narração serve para ensinar os elementos básicos da situação,

não somente para quem está fora, como também para mim mesmo, um homem do clã Maclean, e para alguma outra parte implicada.

Então, o que é especificamente histórico nesta explicação, nesta interpretação da situação e em sua legitimação? O histórico como orientação temporal une o passado ao presente de tal forma que confere uma perspectiva futura à realidade atual. Isto implica que a referência ao tempo futuro está contida na interpretação histórica do presente, já que essa interpretação deve permitir-nos atuar, ou seja, deve facilitar a direção de nossas intenções dentro de uma matriz temporal. Quando dizemos que nos sentimos forçados ou obrigados pelo antigo tratado, definimos uma perspectiva futura em nossa relação com o clã Maclonish. O mesmo é verdade em relação a todas as outras explicações e justificativas históricas associadas a nossa decisão.

Desejo extrair desse exemplo narrativo uma característica geral da consciência histórica e sua função na vida prática.² A consciência histórica serve como um elemento de orientação chave, dando à vida prática um marco e uma matriz temporais, uma concepção do "curso do tempo" que flui através dos assuntos mundanos da vida diária. Essa concepção funciona como um elemento nas intenções que guiam a atividade humana, "nosso curso de ação". A consciência histórica evoca o passado como um espelho da experiência na qual se reflete a vida presente, e suas características temporais são, do mesmo modo, reveladas.

Afirmado sucintamente, a história é o espelho da realidade passada na qual o presente aponta para aprender algo sobre seu futuro. A consciência histórica deve ser conceituada como uma operação do intelecto humano para aprender algo neste sentido. A consciência histórica trata do passado como experiência, nos revela o tecido da mudança temporal dentro do qual estão presas as nossas vidas, e as perspectivas futuras para as quais se dirige a

² Uma descrição sintética pode ser encontrada em Karl Ernest Jeismann, "Geschichtsbewusstsein", em K. Bergmann, a. Kuhn, J. Rüsen, g. Schneider (eds). *Handbuch der Geschichtsdidaktik* (Düsseldorf, 1985), pp.40-44; cfr. idem *Geschichte als Horizont der Genenwrt. Über den Zusammenbang von Vergagenheitsdeutung, Gegenwartsverständnis und Zukunftsperspektive* (paderborn, 1985,pág.53.

mudança. Nas palavras de Shakespeare: "como o destino zomba, e as mudanças chegam ao topo da transformação, com diversos licores".³

A história é um nexos significativo entre o passado, o presente e o futuro – não meramente uma perspectiva do que foi, *wie es eigentlich gewesen*. É uma tradução do passado ao presente, uma interpretação da realidade passada via uma concepção de mudança temporal que abarca o passado, o presente e a perspectiva dos acontecimentos futuros. Esta concepção molda os valores morais a um "corpo temporal" (por exemplo, o corpo da validade contínua de um antigo tratado), a história se reveste dos valores da experiência temporal. A consciência histórica transforma os valores morais em totalidades temporais: tradições, conceitos de desenvolvimento ou outras formas de compreensão do tempo. Os valores e as experiências estão mediados e sintetizados em tais concepções de mudança temporal.

É assim que a consciência histórica de um membro contemporâneo do clã Maclean pode traduzir a ideia de moral pela qual os tratados são obrigatórios e devem ser cumpridos na forma concreta de um acordo presente, válido para além do tempo. A consciência histórica mistura "ser" e "dever" em uma narração significativa que refere acontecimentos passados com o objetivo de fazer inteligível o presente, e conferir uma perspectiva futura a essa atividade atual. Desta forma, a consciência histórica traz uma contribuição essencial à consciência ética moral. Os procedimentos criativos da consciência histórica são necessários para os valores morais e para a razão moral, como se a plausibilidade lógica dos valores morais (em relação à sua coerência, por exemplo), se não mais, em relação à própria plausibilidade, no sentido de que os valores devem ter relação aceitável com a realidade.

A consciência histórica tem uma função prática⁴: confere à realidade uma direção temporal, uma orientação que pode guiar a ação intencionalmente, através da mediação da memória histórica. Pode-se chamar

³ *Henry IV*, 2da. parte, ato III, cena I, II, pp.51-53

⁴ Esta questão está discutida principalmente a partir de uma perspectiva estreita da função dos estudos históricos na vida social, por exemplo, por Jürgen Kocka, *Socialgeschichte. Begriff-Entwicklung-Probleme*, 2ª. ed. pp. 112-113; cfr. Jörn Rüsen, *Lebendige Geschichte, Grundzüge einer Historik III: Formen und Funktionen des Historischen Wissens* (Göttingen, 1989).

a esta função "orientação temporal". Essa orientação tem lugar em duas esferas da vida respectivamente a a) a vida prática e b) a subjetividade interna dos atores. A orientação temporal da vida tem dois aspectos, um interno e outro externo. O aspecto externo da orientação por via da história revela a *dimensão temporal da vida prática*, descobrindo a temporalidade das circunstâncias incluídas na atividade humana. O aspecto interno da orientação por via da história revela a *dimensão temporal da subjetividade humana*, outorgando autocompreensão e conhecimento das características temporais dentro das quais aqueles tomam a forma de identidade histórica, ou seja, uma consistência constitutiva das dimensões temporais da personalidade humana.

Por meio da identidade histórica a personalidade humana expande sua extensão temporal, mais além dos limites do nascimento e da morte, mais além da mera mortalidade. Via esta consciência histórica, uma pessoa se faz parte de um tempo mais extenso que em sua vida temporal.

Assim, então, o papel de um membro atual do clã Maclean pressupõe uma identidade familiar histórica que se pode rastrear em um antigo período de batalhas entre clãs pela concessão real de um território. Dando atualmente assistência a Ian Maclonish afirmamos esta identidade, que significa ser um Maclean com respeito ao futuro. Um exemplo mais familiar de tal "imortalidade temporal" (assim pode ser caracterizada a identidade histórica) é a identidade nacional. As nações frequentemente localizam suas fontes em um passado remoto e antigo, e projetam uma perspectiva de futuro ilimitado que engloba a própria afirmação e desenvolvimento nacional.

3 A COMPETÊNCIA NARRATIVA DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

A forma linguística dentro da qual a consciência histórica realiza sua função de orientação é a da narração. A partir desta visão, as operações pelas quais a mente humana realiza a síntese histórica das dimensões de tempo simultaneamente com as do valor e da experiência se encontram na narração:

o relato de uma história⁵. Uma vez explicadas a forma narrativa dos procedimentos da consciência histórica e sua função como meio de orientação temporal, é possível caracterizar a competência específica e essencial da consciência histórica e sua função como meio de orientação temporal, é possível caracterizar a competência específica e essencial da consciência histórica como "competência narrativa"⁶. Essa competência pode se definir como a habilidade da consciência humana para levar a cabo procedimentos que dão sentido ao passado, fazendo efetiva uma orientação temporal na vida prática presente por meio da recordação da realidade passada. Esta competência geral relativa a "dar sentido ao passado" pode ser definida em termos dos três elementos que constituem juntos uma narração histórica: forma, conteúdo e função. Em relação ao conteúdo, pode-se falar de "competência para a experiência histórica"; em relação à forma, de "competência para a interpretação histórica"; e em relação à função, de "competência para a orientação histórica".

- a) A consciência histórica se caracteriza pela "competência de experiência". Esta competência supõe uma habilidade para ter experiências temporais. Implica a capacidade de aprender a olhar o passado e resgatar sua qualidade temporal, diferenciando-o do presente. Uma forma mais elaborada de tal competência é a "sensibilidade histórica". No fim de nossa narração, é a competência para entender a pedra na muralha do castelo Maclean e a necessidade de prestar atenção na inscrição, quer dizer, que contém informação importante para os membros da família Maclean.

⁵ Cfr. H. White, *Metahistory. The historical Imagination in Nineteenth Century Europe*. (Baltimore, 1973); J. Rüsen, *Historische Vernunft Grundzüge einer Historik I: Die Grundlagen der Geschichtswissenschaft*(Göttingen,1983); Paul Ricoeur, *Temps et Récit* ,3 vols. (Paris,, 1983,1984,1985); David Carr, *Time, Narrative and History*.(Bloomington, 1986).

⁶ Esbocei um plano geral acerca de uma teoria da competência narrativa relacionada aos principais objetivos da aprendizagem histórica em "Anzäte zu einer Theorie des historischen Lernens",in *Gechichdidaktik* 10 (1985); pp.249-265, 12 (1987), pp.15-27.

b) A consciência histórica se caracteriza posteriormente pela "competência de interpretação". Esta competência é a habilidade para reduzir as diferenças de tempo entre o passado, o presente e o futuro através de uma concepção de um todo temporal significativo que abarca todas as dimensões de tempo. A temporalidade da vida humana funciona como um instrumento principal desta interpretação, desta tradução de experiências da realidade passada a uma compreensão do presente e a expectativas em relação ao futuro. Essa concepção se encontra na essência da atividade significativo-criativa da consciência histórica. É a fundamental "filosofia da história" ativa dentro das atividades significativo-criativas da consciência histórica, que marca todo pensamento histórico.

No término de nossa narração, implica a competência para integrar o acontecimento da troca dos bebês em um conceito de tempo que une aquele antigo período com o presente, dando a este complexo uma significação de peso histórico para os Maclean em sua relação com os Maclonish. Essa concepção pode ser materializada na noção de validade indestrutível do tratado, ou na evolução do direito de uma forma pré-moderna a sua manifestação moderna.

c) A consciência histórica, finalmente, se caracteriza pela "competência de orientação". Esta competência supõe ser capaz de utilizar o todo temporal, com seu conteúdo de experiência, para os propósitos de orientação da vida. Implica guiar a ação por meio das noções de mudança temporal, articulando a identidade humana com o conhecimento histórico, mesclando a identidade no enredo e na própria trama concreta do conhecimento histórico. O fim da narração de Highlands supõe a habilidade de utilizar a interpretação do tratado para analisar a situação presente e determinar um curso de ação, ou seja, dizer se vai ou não esconder Ian, ou ajudá-lo de qualquer outra forma, e legitimar esta decisão – em cada instância usando uma "razão histórica boa" – relativa à identidade de um membro do clã Maclean.

4 QUATRO TIPOS DE CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

Na parte anterior, tentou-se explicar as operações básicas da consciência histórica, sua relação com a consciência moral e suas principais competências.

A

parte final desse texto trata do seu desenvolvimento.

As diferentes teorias de desenvolvimento da consciência moral, elaboradas e empiricamente confirmadas por pensadores como Piaget, Kohlberg e outros, são habituais na literatura sobre o desenvolvimento cognitivo.⁷ Minha intenção aqui é propor uma teoria análoga de desenvolvimento concernente à realidade ou à moral e à atividade através de um ato narrativo: o relato de uma história de fatos passados.

Para encontrar as etapas de desenvolvimento estrutural na consciência histórica, é necessário, antes de tudo, distinguir as estruturas básicas dentro dos processos concernentes à construção do sentido histórico do passado. Proponho explicar estas estruturas básicas na forma de uma tipologia geral do pensamento histórico. Esta tipologia abarca conceitualmente o campo completo de suas manifestações empíricas, e, portanto, pode ser utilizada para o trabalho comparativo na historiografia incluindo comparações interculturais.⁸

A tipologia já está implícita nos quatro modos diferentes de argumentação histórica apresentados brevemente em relação ao pedido de Ian Maclonish para se esconder da polícia. Qual é então o significado tipológico desses quatro modos?

⁷ Jean Piaget, *Das moralische Bewusstsein beim Kinde* (Frankfurt/Main, 1973); Lawrence Kohlberg, *Zur Kognitiven Entwicklung des Kindes* (Frankfurt/Main, 1974); cfr. R.N. Hallan, "Piaget and thinking in History", in Marin Ballard (ed.) *New Movements in the study and Teaching History* (London, 1970), 162-178.,

⁸ Para uma explicação mais detalhada desta tipologia, ver Jörn Rüsen, "Dier vier Typen des historischen Erzählens", in Reinhart Koselleck, Hainrich Lutz, Jörn Rüsen (eds), *Formen der Geschitsschreibung (Beiträge zur Historik, 4* (Munich, 1982), pp.514-605; J. Rüsen *Lebendige Geschichte, Grundzüge einer Historik III, part I*; idem, "Historical Narration: Foundation, Types, Reason, History and Theory, Beiheft 26, in *The Representations of Historical Events* (1987), pp.87-97.

Meu ponto de partida é a função da narração histórica. Como já foi mencionado, essa narração tem a função geral de servir para orientar a vida prática no tempo. Mobiliza a memória da experiência temporal, desenvolvendo a noção de um todo temporal abrangente, e confere uma perspectiva temporal interna e externa à vida prática.

A consciência histórica realiza esta função geral em quatro formas diferentes, baseadas em quatro princípios distintos para a orientação temporal da vida: a) a afirmação das orientações dadas, b) a regularidade dos modelos culturais e dos modelos de vida (*Lebensformen*), c) a negação e d) a transformação dos modelos de orientação temática. Todos estes são trazidos via a mediação da memória histórica.

Existem seis elementos e fatores de consciência histórica através dos quais se pode descobrir estes tipos: 1) seu conteúdo, ou seja, a experiência dominante do tempo, trazida desde o passado; 2) as formas de significação histórica, ou as formas de totalidades temporais, 3) o modo de orientação externa, especialmente em relação às formas comunicativas da vida social; 4) o modo de orientação interna, particularmente em relação à identidade histórica como a essência da historicidade no conhecimento da personalidade humana e a autocompreensão; 5) a relação de orientação histórica com os valores morais; 5) sua relação com a razão moral (ver quadro 1).

QUADRO 1 - OS QUATRO TIPOS DE CONSCIÊNCIA DA HISTÓRIA

	TRADICIONAL	EXEMPLAR	CRÍTICA	GENÉTICA
Experiência do tempo	Origem e repetição de um modelo cultural e de vida obrigatória	Variedade de casos representativos de regras gerais de conduta ou sistemas de valores	Desvios problematizadores dos modelos culturais e de vida atuais	Transformações dos modelos culturais e de vida alheios em outros próprios e aceitáveis
Formas de significação histórica	Permanência dos modelos culturais e de vida na mudança temporal	Regras atemporais de vida social. Valores atemporais	Rupturas das totalidades temporais por negação de sua validade	Desenvolvimento nos quais os modelos culturais e de vida mudam para manter sua permanência
Orientação da vida exterior	Afirmação das ordens preestabelecidas por acordo ao redor de um modelo de vida comum e válido para todos	Relação de situações particulares com regularidades que se atêm ao passado e ao futuro	Delimitação do ponto de vista próprio frente às obrigações preestabelecidas	Aceitação de distintos pontos de vista em uma perspectiva abrangente do desenvolvimento comum
Orientação da vida interior	Sistematização dos modelos culturais e de vida por imitação – <i>role-playing</i>	Relação de conceitos próprios a regras e princípios gerais. Legitimação do papel por generalização	Autoconfiança na refutação de obrigações externas – <i>role-playing</i>	Mudança e transformação dos conceitos próprios como condições necessárias para a permanência e a autoconfiança Equilíbrio de papéis
Relação com os valores morais	A moralidade é um conceito preestabelecido	A moralidade é a generalidade da	Ruptura do poder moral dos valores pela	Temporalização da moralidade. As

	de ordens obrigatórias; a validade moral é inquestionável. Estabilidade por tradição	obrigação dos valores e dos sistemas de valores	negação de sua validade	possibilidades de um desenvolvimento posterior se convertem em uma condição de moralidade
Relação com o raciocínio moral	A razão subjacente aos valores é um suposto efetivo que permite o consenso sobre questões morais	Argumentação por generalização, referência a regularidades e princípios	Crítica dos valores e da ideologia como estratégia do discurso moral	A mudança temporal se converte em um elemento decisivo para a validade dos valores morais

Esquema da tipologia:

a) O tipo tradicional

As tradições são elementos indispensáveis de orientação dentro da vida prática, e sua negação total conduz a um sentimento de desorientação massiva. A consciência histórica funciona em parte para manter vivas essas tradições.

Quando a consciência histórica nos provê de tradições, nos faz recordar as origens e a repetição de obrigações, fazendo-o em forma de acontecimentos passados de concretização fática que demonstram o atributo de validade e obrigatoriedade dos valores e dos sistemas de valores. Tal pode ser exemplificado quando, no caso dos membros do clã Maclean, sentimos uma relação de obrigação com um antigo tratado.

Em tal aproximação, tanto nossa interpretação do que ocorreu no passado, como nossa justificativa para esconder a Ian Maclonish, são "tradicionais". Alguns outros exemplos dessa "tradição" são os discursos comemorativos públicos, os monumentos públicos, ou inclusive as histórias privadas narradas entre as pessoas com o propósito de consentir sua relação pessoal. Assim, tanto você como sua esposa estarão "apaixonados" da narração que descreve como chegaram a se apaixonar – se, é claro, vocês ainda se amam.

As orientações tradicionais apresentam a totalidade temporal que faz significativo o passado e relevante a realidade presente e a sua extensão futura como uma continuidade dos modelos de vida e os modelos culturais pré-escritos além do tempo.

As orientações tradicionais guiam externamente a vida humana por meio de uma afirmação das obrigações que requerem consentimento. Essas orientações tradicionais definem a "unidade" dos grupos sociais ou das

sociedades em seu conjunto, entretanto mantêm o sentimento de uma origem comum.

Em relação à orientação interna, essas tradições definem a identidade histórica, a afirmação dos modelos culturais predeterminados de autoconfiança e autocompreensão. Enquadram a formação da identidade como um processo no qual se assumem e se atuam as relações. A orientação histórica tradicional define a moral como tradição. As tradições expressam a moral como uma estabilidade inquestionada de *Lebensformen*, de modelos de vida e modelos culturais além do tempo e de suas vicissitudes.

Em relação ao raciocínio moral, as tradições são razões que sustentam e asseguram a obrigação moral dos valores. Se a vida prática se orienta predominantemente em termos de tradições, a razão que molda os valores se encontra na permanência de sua realidade na vida social, uma permanência que a história ajuda a trazer a nossa memória.

b) O tipo exemplar

Não são as tradições que utilizamos aqui como argumento, mas as regras. A história das lutas entre os clãs e a troca dos bebês exemplificam aqui uma regra geral atemporal: nos ensina que curso de ação tomar e o que devemos evitar fazer.

Aqui a consciência histórica se refere à experiência do passado na forma de casos que representam e personificam regras gerais de mudança temporal e a conduta humana. O horizonte da experiência temporal se expande de forma significativa neste modo de pensamento histórico. A tradição se move dentro de um marco de referência empírica bastante estreito, mas a memória histórica estruturada em termos de exemplos está aberta para processos em número infinito de acontecimentos passados, desde o momento em que estes não possuem relação com uma ideia abstrata de mudança temporal e de conduta humana, válido para todo o tempo, ou ao menos cuja validade não está limitada a um acontecimento específico.

O modelo de significação que corresponde aqui tem a forma de regras atemporais. Nesta concepção a história é vista como uma recordação do passado, como uma mensagem ou lição para o presente, como algo didático: *historiae vitae maestrae* é uma máxima tradicional na tradição historiográfica

ocidental.⁹ Ela nos ensina as normas, sua derivação de casos específicos e sua aplicação.

O modo de orientação realizado pela consciência histórica neste tipo de exemplo está focado na regra: implica a aplicação de regras comprovadas e derivadas historicamente de situações atuais. Muitos exemplos clássicos da historiografia na variedade de culturas diversas refletem este tipo de significação histórica. Na antiga tradição chinesa, o melhor exemplo é o clássico de Suma-Kuang, *Tzuchih t'ung-chien* (Um espelho para o governo). Seu próprio título indica como concebe o passado como exemplo: a moral política se ensina na forma de casos de governo que tiveram êxito ou sucumbiram.

Em relação à orientação interna da vida, o pensamento histórico exemplar relaciona as atividades da vida às regras e princípios, e tem como função legitimar tais atividades através do raciocínio abstrato. A identidade histórica é o marco dado de sensatez (prudência). Sua matéria é a competência dada a resultar regras gerais de casos específicos e aplicá-los a outros casos. Procedendo deste modo, tal forma de consciência histórica faz uma contribuição significativa ao raciocínio moral. O pensamento histórico exemplar revela a moralidade de um valor ou de um sistema de valores, culturalmente materializados na vida social e pessoal, através da demonstração de sua generalidade: ou seja, que tem uma validade que se estende a uma gama de situações. Conceitua-se a moral como possuindo validade atemporal.

A contribuição deste modo de interpretação histórica ao raciocínio moral é clara: a história ensina o argumento moral por meio da aplicação de princípios a situações concretas e específicas, tais como um golpe na porta por um membro do clã Maclonish ao cair da noite.

c) O tipo crítico

O argumento decisivo na versão crítica de nossa narração é que, como um membro do clã Maclean, nós não sentimos obrigação nenhuma frente ao

⁹ Cfr. R. Kosselleck, "Historia Magistra vitae. Über die auflösung des Topos Im Horizont neuzeitlich bewegter Geschichte, "in idem *Vergangene Zukunft. Zur Semantik geschichtlicher Zeiten* (Frankfurt/Main, 1979, pp.38-66).

suposto atributo de "obrigatório". Para nós, é um velho conto que perdeu toda a relevância para a ação presente e a realidade. No entanto, isto não é automaticamente assim: como um Maclean, somos de certo modo parte desta história, a antiga pedra contém certamente sua inscrição na muralha. Assim, devemos apresentar uma nova interpretação que – por meio do raciocínio histórico – negue a validade do tratado.

A maneira mais fácil é declarar que o conto é falso. Para ser convincente, devemos reunir a evidência e isto requer que nos voltemos à argumentação histórica crítica estabelecendo que é plausível a contenção entretanto não existem razões históricas que pudessem nos motivar a oferecer ajuda a Ian Maclonish.

Podemos desenvolver uma crítica ideológica, afirmando que houve uma armadilha no meio de tudo: uma armação dos Maclonish para manter os Maclean em uma espécie de dependência moral sobre eles. Podemos argumentar também que naquele antigo período estava proibido assassinar bebês, que é o motivo pivô sobre o qual gira a história. Tal argumentação se baseia em oferecer elementos de uma "contranarração" àquela gravada na pedra. Por meio dessa "contranarração" podemos desmascarar uma história determinada como um engano, desprestigiá-la como uma informação falsa. Podemos argumentar também de outra forma, afirmando que o tratado gravado na pedra perdeu sua validade atual, desde o momento em que novas formas de direito emergiram desde então. Logo, podemos narrar uma "contra-história" breve, por exemplo, a história de como as leis mudaram com o passar do tempo.

Quais são as características gerais de tal modo de interpretação histórica? Aqui a consciência histórica busca e mobiliza uma classe específica de experiência do passado: a evidência prevista pelas "contranarrações", desvios que tornam problemáticos os sistemas de valores presentes e os *Lebensformen*.

O conceito de uma totalidade temporal abrangente que inclui o passado, o presente e o futuro envolve, deste modo, algo negativo: a noção de uma ruptura na continuidade ainda operativa da consciência. A história funciona como a ferramenta com a qual se rompe, "se destrói", se decifra tal

continuidade – para que perca seu poder como fonte de orientação no presente.

As narrações deste tipo formulam pontos de vista históricos, demarcando-os, distinguindo-os das orientações históricas sustentadas por outros. Por meio dessas histórias críticas dizemos 'não' às orientações temporais predeterminadas de nossa vida.

Em relação a nós e a nossa própria identidade histórica, tais histórias críticas expressam uma negatividade; o que não queremos ser. Proporcionam-nos uma oportunidade para nos definirmos como não reféns de papéis e formas prescritas, predefinidas de autocompreensão. O pensamento histórico-crítico aclara o caminho para a constituição da identidade pela força da negação.

Sua contribuição aos valores morais se encontra em sua crítica dos valores. Desafia à moral apresentando o seu contrário. As narrações críticas confrontam os valores morais com a evidência histórica de suas origens ou consequências imorais. Por exemplo, as feministas modernas criticam o princípio da universalidade moral. Alegam que isso nos leva a considerar a natureza do "outro" nas relações sociais a favor de uma universalização abstrata dos valores como condição suficiente de sua moralidade. Afirmam que tal "universalização" é completamente parcial e ideológica, servindo para estabelecer a regra do homem como uma norma humana geral, e que faz caso omisso da singularidade através do gênero do homem e da mulher como condição necessária da humanidade.¹⁰

O pensamento histórico-crítico injeta elementos de argumentação crítica ao raciocínio moral. Põe em questão a moral apontando a relatividade cultural nos valores, que contrasta com uma universalidade suposta e aparente, descobrindo os fatores da condição temporal que contrasta com uma validade atemporal falsa. Confronta as solicitações de validade com a evidência baseada na mudança temporal: o relativo poder das condições e consequências históricas. Em sua variante mais elaborada, apresenta um raciocínio moral como uma crítica ideológica da moral. Dois exemplos clássicos

¹⁰ Cfr. Seyla Benhabib, "The generalized and the Concrete Other: Visions of the autonomous Self", in *Praxis International*, vol. 5, 4 (1986), pp. 402-424.

de tal empresa são a crítica de Marx aos valores burgueses¹¹ e a Genealogia da Moral de Nietzsche.¹²

d) O tipo genético

No centro dos procedimentos para dar sentido ao passado encontra-se em si mesmo a mudança. Nesta estrutura, nosso argumento é que "os tempos mudam": nos opomos assim à opção de esconder a lan devido a razões tradicionais ou exemplares e à opção de negar criticamente a obrigação que impõe esta velha história como uma razão para não escondê-lo. Pelo contrário, aceitamos a história mas a localizamos em uma estrutura de interpretação dentro da qual o tipo de obrigação em relação a acontecimentos passados mudou, de uma forma pré-moderna para uma forma moderna de moral. Aqui a mudança é a essência e o que dá à história seu sentido. Assim, o velho tratado perdeu sua validade principal e tomou uma nova; em consequência, nosso comportamento necessariamente difere agora do que teria sido no passado distante: se constrói dentro de um processo de desenvolvimento dinâmico.

Portanto, escolhemos ajudar a Ian Maclonish, mas de maneira diferente à prefigurada no tratado preservado na pedra da muralha de nosso castelo. Permitimos que a história faça parte do passado; no entanto, ao mesmo tempo, lhe concedemos outro futuro. A mudança propriamente dita é que dá sentido à história. A mudança temporal se despojou de seu aspecto ameaçador e se transformou no caminho no qual estão abertas as opções para que a atividade humana crie um novo mundo. O futuro supera, excede efetivamente o passado em seu direito sobre o presente, um presente conceituado como uma intersecção, um nó intensamente temporal, uma transição dinâmica. Esta é a forma refinada de uma espécie de pensamento histórico moderno marcado pela categoria de progresso, ainda que tenha sido arrojado por uma dúvida radical pelas intimações da pós-modernidade, pensadas por certo segmento da elite intelectual contemporânea.

¹¹ Sobre Direitos Humanos e Civis ver seu ensaio "Zur Judenfrage", in Karl Marx, Friedrich Engels, *Werke*, 1 (Berlin-GDR-1964).

¹² Friedrich Nietzsche, *Zur Genealogie der Moral* (1887), in idem, *Werke in drei Banden*, ed. K. Schlechta (Munich, 1955), pp. 761-900.

Neste modelo a memória histórica prefere representar a experiência da realidade passada como acontecimentos mutáveis, nos quais as formas de vida e de cultura distantes evoluem em configurações "modernas" mais positivas.

Aqui a forma dominante de significação histórica é a do desenvolvimento, em que as formas mudam em ordem, paradoxalmente, para manter seu próprio desenvolvimento. Assim, a permanência toma uma temporalidade interna, tornando-se dinâmica. Ao contrário, a permanência através da tradição, por regras atemporais exemplares, pela negação crítica – isto é, a ruptura da continuidade –, são todas essencialmente de natureza estática.

Esta forma de pensamento histórico vê a vida social em toda a abundante complexidade de sua temporalidade absoluta.

Diferentes pontos de vista podem ser aceitos porque se integram em uma perspectiva abrangente de mudança temporal. Voltando a nossa narração, nós, como o moderno Maclean, ansioso por persuadir ao moderno Maclonish de que seria mais sábio para ele entregar-se à polícia, e então aceitar nossa ajuda. Suas expectativas e nossa reação devem se cruzar. E cremos que essa intersecção é parte da interpretação histórica dentro da qual tratamos a situação atual. Este reconhecimento mútuo é parte da perspectiva futura que herdamos do passado através de nossa decisão no presente, não para oferecer a ele refúgio, mas para ajudá-lo de uma maneira que acreditamos ser mais coerente com o teor de nossa época: "Conheço um bom advogado".

Em relação a nossa autocompreensão e autoconfiança, este tipo de consciência histórica permeia a identidade histórica com uma temporalização essencial. Nos definimos estando em uma encruzilhada, uma superfície de contato de tempo e de fatos, permanentemente em transição. Para continuar sendo o que somos, para não evoluir e mudar, nos parece como um modo de autoperda, uma ameaça a nossa identidade¹³. Nossa identidade está em nossa incessante mudança.

¹³ Uma das obras de Bertold Brecht, "Stories of Mr. Keuner" ilustra isto maravilhosamente: "“ a man who hadn't seen Mr., Keuner for a long time greeted him with the remark: You don't look any different at all. Oh!, said Mr. Keuner, and turned pale". Brecht, *Gesammelte Werke*, 12 (Frankfurt/Main, 1967), p. 383.

Dentro do horizonte desta classe de consciência histórica, os valores morais se temporizam, a moral se despoja de sua natureza estática. O desenvolvimento e a mudança pertencem à moral dos valores conceituada em termos de uma pluralidade de pontos de vista, e a aceitação da concreta característica de "outro", do não semelhante, e a mútua aceitação daquele "outro", como a noção dominante de valor moral.

De acordo com esta temporalização como um princípio, o raciocínio moral depende aqui essencialmente do argumento da mudança temporal como necessária ou decisiva para estabelecer a validade dos valores morais. Portanto, um indivíduo pode se movimentar desde a etapa final no esquema kolbergiano do desenvolvimento da consciência moral até o estágio mais avançado: os princípios morais incluem sua transformação dentro de um processo de comunicação. É aqui onde eles se realizam concretamente e individualmente, engendrando diferenças; estas, por sua vez, ativam procedimentos de reconhecimento mútuo, mudando a forma moral original. Uma fascinante ilustração deste estado da argumentação moral, que não se pode elaborar no contexto deste ensaio, é o exemplo das relações entre os sexos. A ideia dos Direitos Humanos Universais é outro exemplo claro que demonstra a plausibilidade desta forma genética de argumentação em relação aos valores morais.¹⁴

Esta Tipologia se entende como uma ferramenta metodológica e investigativa para a investigação comparativa. Na medida em que a moral está conectada com a consciência histórica, podemos usar esta matriz tipológica para ajudar a categorizar e caracterizar as peculiaridades culturais e as características únicas dos valores morais e os modos de raciocínio moral em diferentes épocas e cenários. Desde o momento em que os elementos dos quatro tipos estão operativamente mesclados no processo que dá à vida prática uma orientação histórica no tempo, podemos reconstruir as complexas relações entre estes elementos para determinar com precisão e definir a

¹⁴ Cfr. Ludger Kühnhardt, *Die Universalität der Menschenrechte. Studie zur ideengeschichtlichen Schlüsselbegriffs* (Munich, 1987); J. Rösen, "Menchen-und Bürgerrechte als historische Orientierung", in Klaus Frlöhlich, Jörn Rösen (eds), *Revolutionen und Menschenrechte. Historische Interpretationem, didaktische Konzepte, Unterrichtsmaterialien* (Plaffenwiler, 1989).

especialidade estrutural das manifestações empíricas da consciência histórica e sua relação com os valores morais.¹⁵

5 O DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS NARRATIVAS

Não é minha intenção aqui focalizar o método comparativo em historiografia. Pelo contrário, desejo fazer uso da tipologia para construir uma teoria do desenvolvimento ontogenético da consciência histórica. Tal teoria é familiar desde os estudos psicológicos sobre o desenvolvimento cognitivo,¹⁶ mas segundo o que sei não houve até agora nenhuma tentativa séria para acrescentar esta perspectiva psicológica investigando a consciência histórica e suas competências cognitivas. Desde o momento em que a consciência histórica pode ser conceituada como uma síntese entre a consciência temporal e moral, poder-se-ia supor que desenvolver uma teoria genética da consciência histórica fosse um assunto relativamente simples. Infelizmente, no entanto, encontramos que Piaget e seus seguidores perseguiram a categoria de tempo apenas dentro do marco teórico das ciências naturais¹⁷, permanecendo de tal modo seu trabalho basicamente mudo com relação a questões da consciência histórica.

Para embarcar em uma investigação sobre a consciência histórica e sua relação essencial com a consciência moral, é necessário primeiramente esclarecer as bases, isto é, um marco teórico que deva ser construído e que defina o campo de ação e explique em termos conceituais quais são as questões básicas a analisar. Sou da opinião de que a tipologia acima esquematizada pode servir efetivamente para tal propósito. Isto é assim porque revela e define fundamentalmente os procedimentos da consciência histórica,

¹⁵ Uma interessante contribuição a essa comparação com respeito à historiografia na China é Hu Chang-tze *Deutsche Ideologie und politische Kultur Chinas. Eine Studie zum sonderwegsgedanken der chinesischen Bildungselite 1920-1940* (Bochum, 1983).

¹⁶ Cfr. nota 7. Para complementar, ver Hans G.Furth, *Piaget and Knowledge. Theoretical Foundations* (Englewood Cliffs, New Jersey, 1969).

¹⁷ Jean Piaget, *Die Bildung des Zeitbewusstseins beim Kinde.*(Frankfur-Main, 1974).

inclusive dando algumas noções básicas do que poderia implicar o desenvolvimento da consciência histórica.

Que conceitos de desenvolvimento podem de fato ser oriundos da tipologia? Podemos nos aproximar de uma resposta ordenando logicamente os tipos em uma sequência definida pelo princípio da precondição?

O tipo tradicional 'a' é primário e não pressupõe outras formas de consciência histórica. No entanto, constitui a condição para os outros tipos. É a fonte, o começo da consciência histórica. Na sequência lógica de tipos, entretanto, cada um é a precondição para o próximo: tradicional, exemplar, crítico, genético. Ainda que esta sequência esteja baseada em critérios lógicos, pode ter aplicações empíricas, e existe razão para supor que é também uma sequência estrutural no desenvolvimento da consciência histórica.

1. Primeiramente, a sequência implica uma crescente complexidade. As etapas na evolução humana também podem ser descritas em termos de uma crescente capacidade para ordenar a complexidade.
2. O crescimento em complexidade pode ser especificado e diferenciado seguindo a ordem lógica das precondições. Assim, a extensão da experiência e o conhecimento da realidade passada se expandem enormemente quando o indivíduo se move do modo tradicional ao exemplar. O tipo crítico requer uma nova qualificação da experiência temporal baseada nas distinções entre "meu próprio tempo" e "o tempo dos outros". Finalmente, o tipo genético vai além desta qualidade pela temporalização do tempo em si mesmo, isto é, "meu próprio tempo" é dinâmico, mutável, instável, assim como "o dos outros".
3. Há também um crescimento em complexidade com respeito às formas de significação histórica. Não existe uma diferença relevante entre fato e significado na forma da consciência histórica tradicional. Divergem na consciência histórica exemplar. Na forma crítica, o significado em si mesmo muda, intensificando-se mais ainda numa complexa diferenciação dentro do tipo genético.
4. Isto é igualmente certo quando vai ao grau de abstração e complexidade das operações lógicas.

5. Existe também uma crescente complexidade da orientação interna e externa. Na orientação externa, pode-se demonstrar pela maneira como a consciência histórica caracteriza a vida social; as tradições são exclusivistas, apresentam seus próprios modos de vida e de cultura como os *Lebensformen* unicamente aceitáveis. O pensamento exemplar amplia isto através da generalização, enquanto o pensamento crítico elabora pontos de vista e delimitações baseados na crítica. O pensamento genético aclara a base temporal para um pluralismo de visões.
6. Transitando através das séries tipológicas, há uma complexidade crescente em relação à identidade histórica. Começa com a inquestionada forma da autocompreensão histórica impressa pela tradição e que se estende até o frágil balanço gerado pelas formas genéticas multidimensionadas e multilaterais.
Meus argumentos foram aqui principalmente teóricos, mas me parece que há certa quantidade de evidência empírica para sustentar a hipótese de que a consciência histórica segue a ordem tipológica esquematizada aqui em sua evolução.
7. As observações diárias demonstram que os modos tradicionais e exemplares de consciência histórica estão bastante estendidos e se podem encontrar com frequência; os modos críticos e genéticos, pelo contrário, são mais raros. Este fato se correlaciona com o grau de educação e conhecimentos e com o progresso do intelecto humano até competências mais complexas.
8. A experiência de ensinar história em escolas indica que as formas tradicionais de pensamento são mais fáceis de aprender, a forma exemplar domina a maior parte dos currículos de história, as competências críticas e genéticas requerem um grande esforço por parte dos docentes e do aluno.

6 OBSERVAÇÕES EMPÍRICAS ACERCA DA APRENDIZAGEM HISTÓRICA E A INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA

Como resumo, eu gostaria de voltar à questão da aprendizagem histórica. A aprendizagem pode ser conceituada como um processo de digestão de experiências, absorvendo-o sob a forma de competências. A aprendizagem da história é um processo de digestão de experiências do tempo em formas de competências narrativas.¹⁸ A "competência narrativa" se entende aqui como a habilidade para narrar uma história pela qual a vida prática recebe uma orientação no tempo. Esta competência consiste em três habilidades: 1) a habilidade da experiência, relacionada com a realidade passada; 2) a habilidade de interpretar, relacionada com o todo temporal que combina a) a experiência do passado com b) a compreensão do presente e c) as expectativas concernentes ao futuro; e 3) a habilidade de orientação relacionada com a necessidade prática de encontrar um caminho através dos estreitos e remansos da mudança temporal.

Em termos teóricos, não é difícil explicar o desenvolvimento da consciência histórica como um processo de aprendizagem. A aprendizagem é conceituada em seu marco de referência como uma qualidade específica dos procedimentos mentais da consciência histórica. Tais procedimentos são chamados "aprendizagem" quando as competências são adquiridas para a) experimentar o tempo passado, b) interpretá-lo na forma de história e c) utilizá-lo para um propósito prático na vida diária.

Utilizando a tipologia, a aprendizagem histórica pode explicar-se como um processo de mudança estrutural na consciência histórica. A aprendizagem histórica implica muito mais que o simples adquirir de conhecimento do passado e a expansão do mesmo. Visto como um processo pelo qual as competências se adquirem progressivamente, emerge como um processo de mudança de formas estruturais pelas quais tratamos e utilizamos as experiências e conhecimento da realidade passada, passando de formas tradicionais de pensamento aos modos genéticos.

Assim, a tipologia oferece uma base para uma teoria útil e diferente de aprendizagem histórica. Tal teoria combina três elementos centrais da competência narrativa (experiência, interpretação, orientação) e quatro etapas

¹⁸ Cfr. Rüsen, "Anzäte zu einer Theorie des historischen Lernes".

de seu desenvolvimento. Esta teoria pode ser de certa significação para a teoria do desenvolvimento da consciência moral e a aprendizagem moral.

Infelizmente a teoria, somente, não basta para analisar as espinhosas questões da consciência histórica e moral. A prova da teoria está em amontoar muita evidência empírica que sustente suas teses, e aqui se necessita muito trabalho de investigação. Houve só alguns trabalhos isolados de investigação empírica até agora sobre a aprendizagem da história e a consciência histórica,¹⁹ e é familiar uma focalização especial sobre a relação entre a aprendizagem e a consciência histórica e moral.²⁰

Uma investigação desta natureza enfrenta formidáveis obstáculos, em especial a intrincada complexidade da consciência histórica e suas quatro competências. Os quatro tipos aqui presentes não são escritas alternativas, permitindo qualquer reconto simples de sua distribuição nas manifestações da consciência histórica; normalmente os tipos aparecem em mesclas complexas, e é necessário descobrir sua ordem hierárquica e interpelação em qualquer manifestação dada da consciência histórica. Não obstante, a tipologia pode dirigir nossa atenção, e funciona de maneira investigativa, definindo questões e preparando estratégias para a utilização em estudos empíricos.

Tal tipologia imprime a ideia aos investigadores de que o que é importante descobrir em relação à consciência histórica não é a extensão do conhecimento implícito, mas também o marco de referência e os princípios operativos que dão sentido ao passado.

¹⁹ Publicações recentes realizadas na Alemanha, são: Bodo von Borries, "Alltägliches Geschichtsbewusstsein. Erkundung durch Intensivinterviews und Versuch von Fallinterpretationen, in *Geschichtsdidaktik* 5 (1980), pp. 243-262; idem, "Zum Geschichtsbewusstsein von Normalbürgern Hinweise aus offenen Interviews", in Klaus Bergmann, Rolf Schörken (eds), *Geschichte im Alltag-Alltag in der Geschichte* (Düsseldorf, 1982), pp. 182-209; Karl Teppe, Maria Wasna, *die Teilung Deutschlands als Problems des Geschichtsbewusstseins. Eine empirische Untersuchung über Wirkungen von Geschichtsunterricht auf historische Vorstellungen und politische Urteile* (Paderborn, 1987); Katherina Oehler, "Geschichte in der politischem Rhetorik. Historische Argumentationsmuster im Parlament der Bundesrepublik Deutschland"(Beiträge zur *Geschichtskultur*, 2 (Hagen, 1989), Bodo von Borries, *Geschichtslernen und Geschichtsbewusstsein, Empirische Erkundungen zu Erwerb und Gebrauch von Historie*. (Stuttgart, 1988).

²⁰ Valentine Rothe, *Werteerziehung und Geschichtsdidaktik. Beitrag zu einer Kritischen Werteerziehung im Geschichtsunterricht* (Düsseldorf, 1987), não contém referências a nenhuma investigação empírica.

Como estes podem se encontrar na evidência empírica? Há uma aproximação básica e extrativamente orientada? Permita às pessoas relatar narrações que são relevantes para a orientação temporal de suas próprias vidas, e logo analise as estruturas narrativas de tais histórias. Tal investigação busca estabelecer respostas a perguntas como: que tipo (na tipologia) parece seguir esta narração? Há alguma relação entre o tipo dominante e a idade do narrador? Que há de seu nível de educação?

Os experimentos empíricos foram recentemente analisados usando esta aproximação em relação à história de Highlands.²¹ Os alunos e estudantes souberam o conto do clã Maclean e do clã Maclonish numa versão altamente "neutra". Enfrentaram a situação atual de Maclean e lhes foi perguntado o que fariam em relação ao pedido de assistência de Maclonish, escrevendo uma curta justificativa de sua decisão que contivesse uma referência específica ao motivo dos meninos trocados. Estes textos foram analisados em relação às formas de interpretação histórica que eles utilizaram. Empiricamente, os quatro tipos foram desde logo distinguíveis, e se provou inclusive diferenciar mais agudamente esses tipos básicos da tipologia. Estabeleceu-se que havia uma significativa correlação entre as formas narrativas usadas, a idade dos alunos e seu nível de educação e aprendizagem alcançada.

Isto constitui apenas um exemplo limitado de investigação empírica, e as perguntas não foram analisadas em relação ao componente moral da consciência histórica. Não obstante, sustentaria que qualquer discussão sobre os valores morais e o raciocínio moral deverá tentar relacionar-se às dimensões associadas da consciência histórica e à aprendizagem da história.

²¹ Hans Günter Schmidt, "Eine Geschichte zum Nachdenken. Erzähltypologie, narrative Kompetenz und Geschichtsbewusstsein: Bericht über eine Versuch der empirischen Erforschung des Geschichtsbewusstseins von Schülern der Sckundarstufe I (Unter und Mittelsstufe)", in *Geschichtsdidaktik* 12 (1987), pp. 28-35.